

DIRETORES

Antônio Carlos Castanho Nogueira
José Benedito Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Castanho Nogueira,
Cim Porto, Ivan Szostak,
José Benedito Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira Neto, Rogério Selkian,
Sérgio Salviati, Suzana Machado Platão

DIRETOR EDITORIAL

Cim Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John
Voltemar Sibrelli

EDITORES

Liz Figueiredo
Marcelo Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE

Matheus Jaramas Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Matheus Jaramas Fortunato
Renato Muehler

FOTOGRAFIA

Bruno Dias, Carlos Alberto Coutinho,
João Prochanta, Rodrigo Baleia

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Glauber Piconeri, Dênis Martins,
Fernando Bassolo, Gabriela Faria,
Drauzilia Andrade, Helen Sacconi,
Henrique Pizarel, Lucas de Campos Ribeiro,
João Paulo Krajewski, Marina Medler,
Nikolai Gaji, Tadeo Santos

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Cim Porto (IME 20414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR

Antônio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Regiane Elza Bajon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chaves Jr.

IMPRESSÃO - Globo Cochran

PARA ANUNCIAR

Gerência Comercial (19) 3776-6539

Bahia: (71) 3241-3987 / 9154-9547

Brasília: (61) 3121-9100 / 9655-1684

Belo Horizonte: (31) 3423-6643 / 9793-6647

Complexo e Interior SP:

(19) 3776-6583 / 9157-8313

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:

65-9235-7446 / (67) 9602-3439

São Paulo (capital): (11) 9510-9928

Site: gerencia@terragente.com.br

TERRA

Cim Porto
Liana John
Voltemar Sibrelli
Regiane Elza Bajon

A revista Terra da Gente é
uma publicação mensal da
Terra da Gente Produções e
Eventos Ltda, uma empresa
do Grupo EPTV.

ANER



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

Carga e consciência

Definir a capacidade de carga de nossas unidades de conservação é uma das tarefas mais importantes para permitir a visitação e, ao mesmo tempo, evitar a degradação ambiental. Essa definição deveria acontecer logo na primeira etapa da elaboração de um plano de manejo, que, por sua vez, teria de ser feito antes da abertura da área protegida ao turismo. Mas a ordem lógica nem sempre é o que se pratica, sobretudo quando faltam recursos financeiros e recursos humanos qualificados para fazer a avaliação da capacidade de carga de cada tipo de ecossistema. E olhe que uma única unidade de conservação pode incluir diversos ecossistemas...

Com a proliferação das ofertas em operadores turísticos, multiplica-se a visitação em parques e reservas — nacionais, estaduais ou municipais — com o consequente aumento da necessidade de avaliação correta da quantidade de visitantes a ser permitida. Sem nos esquecermos das Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), onde hoje se concentram muitos projetos de ecoturismo ou turismo de aventura em desenvolvimento. O excesso de gente pode romper as barreiras desses dois tipos de visitação — em princípio, menos impactantes — e transformar boas intenções e bons projetos em degradação. O turismo de natureza pode se converter num indesejado e impactante turismo de massa.

Vale ressaltar que o conceito 'excesso de gente' é muito relativo e depende tanto da fragilidade de cada local, como da consciência e do comportamento de cada visitante. Dezenas de pessoas caminhando numa trilha aberta, bem construída, bem delimitada e bem sinalizada podem causar menos estragos do que um único casal

de namorados urbanos, disposto a gravar seus corações e nomes em rochas e árvores; a tratar a vegetação ou os rios como lixeiras, ou a sair da trilha para buscar esconderijos de amor, onde eventualmente acendem um fogueiro para se aquecer, arriscando iniciar um incêndio.

Por isso, além de considerar a quantidade de gente interessada em visitar suas unidades de conservação, o Brasil precisa pensar melhor na infra-estrutura de visitação e na educação dos turistas para a visitação. E não adianta simplesmente fechar os parques para aprontar todos os planos de manejo no ritmo permitido pela burocracia. É preciso dar prioridade a esses estudos, sacudir a má vontade política e prestar atenção às iniciativas positivas. Parque fechado é parque indesejado: não gera renda, nem para as comunidades do entorno, nem para os operadores de turismo e ainda passa a receber só os visitantes indesejados: caçadores, madeireiros, palmeiros e outros invasores.

Bons exemplos de parcerias existem e muita gente interessada em trabalhar, também. Até de forma voluntária. A questão é multiplicar essas iniciativas no ritmo da demanda ecoturística e treinar um número maior de profissionais para fazer os estudos necessários. Com capacidade de carga calibrada, portas abertas e um bom fluxo de ecoturistas conscientes, até os infratores ficam mais inibidos. E a função das unidades de conservação — de proteger a biodiversidade e os ecossistemas — completa-se com a admiração dos brasileiros, legítimos donos e usuários de áreas tão preciosas.